



O humano e a tecnologia: Rousseau, Heidegger e Meneghetti

Estela Maris Giordani

Universidade Federal de Santa Maria / Faculdade Antonio Meneghetti
estela@pesquisador.cnpq.br

Camila Ribeiro Menotti

Universidade Federal de Santa Maria – camila.menotti@gmail.com

Adriane Maria Moro Mendes

Universidade Federal de Santa Catarina / Faculdade Antonio Meneghetti
adriane.mendes@ufsc.br

Eixo Temático: Ciência, Tecnologia, Inovação e Sociedade

Resumo: O tema sustentabilidade se tornou um dos mais discutidos atualmente. Suas discussões estão diretamente ligadas com o conceito de tecnologia e a sua repercussão no desenvolvimento humano. Partindo disso, o presente trabalho busca refletir sobre a relação entre o homem e a técnica, e a relação entre a ciência e a sociedade, tomando como base os pensamentos de três filósofos - Rousseau, Heidegger e Meneghetti -, que se dedicaram a esta problemática, visando ampliar o entendimento sobre a função da técnica para o homem e a função da tecnologia para a sociedade.

Palavras-chave: sustentabilidade; ser humano; técnica; ciência; sociedade.

Human and technology: Rousseau, Heidegger and Meneghetti

245

Abstract: The thematic sustainability has become one of the most discussed of the actuality. Its discussions are directly connected to the concept of technology and its repercussion on the human development. From this start point, the present article aims to reflect about the relation between man and technique, the relation between science and society, taking as bases the thought of three philosophers - Rousseau, Heidegger and Meneghetti - that have dedicated to this problematic, aiming to expand the understanding of the function of the technique to man and the function of technology to society.

Keywords: sustainability, human being, technique, science, society.

1 Introdução

A relação entre ciência, tecnologia e sociedade é um dos temas que ganhou destaque na filosofia a partir da revolução iluminista. É com Rousseau que a relação entre homem e sociedade tecnológica encontra visibilidade no cenário acadêmico filosófico, passando, posteriormente, a ser uma das questões principais nas discussões contemporâneas referentes ao crescimento e desenvolvimento do mundo. Este trabalho faz uma abordagem reflexiva sobre as repercussões desta relação inevitável entre o homem e a técnica, que depois desemboca em ciência e sociedade. Objetiva-se retomar alguns princípios básicos da discussão, sem a pretensão de esgotá-la, de três grandes filósofos, Rousseau, Heidegger e



Meneghetti com a finalidade de ampliar o entendimento sobre a função da técnica para o homem e da tecnologia para a sociedade. Entende-se que as discussões sobre sustentabilidade estão inegavelmente ligadas ao entendimento da função da tecnologia e do resgate da técnica como função de evolução humana.

2 Técnica e vida humana em Rousseau

O pensamento iluminista de Rousseau concentra-se principalmente na esfera da política e da ética, nas quais ele discute a introdução das ciências e das artes na vida humana e sua relação com o progresso. No livro “Emílio ou da Educação” Rousseau já expunha que quando se trata de compreender a relação entre homem, sociedade e política devem-se considerar os aspectos morais. Em seus escritos, principalmente no texto “Discurso sobre as ciências e as artes”, de 1778, percebe-se um posicionamento crítico e negativo quanto à introdução das ciências e das artes no desenvolvimento humano, portanto, eis um problema ético.

Para Rousseau, as artes e as ciências se originaram em sociedades que se encontravam em decadência e enfraquecimento moral, sociedades nas quais as virtudes foram perdendo o seu espaço na vida dos homens à medida que estes foram conhecendo e gostando do luxo, da vaidade e do prazer com diversões ociosas, trocando a coletividade por um individualismo, com vistas apenas em interesses e desejos próprios. É a partir desta visão que o filósofo defende a tese de que as ciências e as artes contribuíram para corromper a sociedade, ao invés de aprimorá-la. Certamente, Rousseau estava referindo-se à sociedade de seu tempo, e, como filósofo naquele tempo, encontrava motivações reais para elaborar tal síntese.

Rousseau dizia que a ciência e as suas consequências são produzidas por pessoas “ociosas que espalham paradoxos que podem comprometer a moralidade e a virtude na sociedade” (1778, p. 326). Este mesmo pensamento é concebido em relação às artes, que “só descrevem os desvarios do coração” (ibid.). O autor concebia que tanto as ciências quanto as artes tornavam-se artefatos desviantes dos indivíduos, pois são exercidas com o objetivo de angariar aplausos e reconhecimento dos outros. Segundo ele, as ciências e as artes trazem consigo o luxo, um veículo primordial para a expressão do amor-próprio, diferente do



verdadeiro amor que deveria sentir o ser humano que seria o amor por si mesmo¹. O primeiro consiste em uma excessiva preocupação com o eu, atrelada a um sentimento de egoísmo que visa controlar os outros e até mesmo destruí-los se for necessário. Ao possuir o luxo, o homem se torna um indivíduo frívolo e vazio, onde o importante é ostentar suas posses e rebaixar os outros como inferiores por não as possuírem.

As ciências e as artes não são exercidas pelo “amor à verdade”, mas para adquirir reconhecimento dos outros e assim obter lucros. Nas palavras de Rousseau: “o desenvolvimento das artes e das ciências teria por primeiro móvel a vaidade” (1978, p. 334). O homem passa a ser apenas aparência, sua essência é esquecida em meio ao luxo, vaidades e valores supérfluos que tomaram conta do seu ser. Com a dissolução dos costumes morais, surge a perversão das atitudes, fazendo com que o ser humano perca a sua autenticidade e siga apenas os ditames da sociedade do progresso. Segundo o filósofo:

Atualmente, quando as buscas mais sutis e um gosto mais fino reduziram a princípios a arte de agradar, reina entre nossos costumes uma uniformidade desprezível e enganosa, e parece que os mesmos espíritos se fundiram em um mesmo molde: incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os usos e nunca o próprio gênio, isto é, o caráter particular de cada indivíduo, aquilo porque ele se distingue dos demais. Não se ousa mais parecer tal como se é, e, sob tal coerção perpétua, os homens que formam o rebanho chamado sociedade, nas mesmas circunstâncias, farão todas as mesmas coisas, desde que motivos mais poderosos não os desviem (ROUSSEAU, 1978, p. 336).

O progresso, conforme Rousseau representa um declínio nas perspectivas de felicidade e realização humana, pois faz emergir diferenças de riqueza e poder, as quais habilitam alguns a prosperar, enquanto outros vivem em meio a uma pobreza imposta que acaba resultando na constituição de um Estado injusto e desigual. E são os homens, com suas escolhas e atitudes, que acabam alimentando este sistema. Nesta perspectiva, percebe-se que o ser humano enquanto envolvido e obcecado com a propagação do progresso, perde a consciência de sua própria existência, passando a depender meramente da opinião de outros a seu respeito, tornando-se um ser vazio e afastado do convívio social.

Com o desenvolvimento das ciências e das artes, a vida simples e em comunhão com a natureza desaparece. A igualdade e o desfrutar dos mesmos direitos e benefícios passam a ser

¹ O amor próprio em Rousseau seria uma forma desviante de amor, ou ainda, aquela forma de amor, cujo processo educativo desviou o indivíduo do caminho de sua natureza. E, o amor de si mesmo é autêntico. Seria aquele amor que parte de sua própria natureza, pois encontrando-a encontraria o outro. O amor de si mesmo seria o sentimento que permitiria o real amor ao outro, pois, encontrando-se, encontra a si no outro.



ignorados. A liberdade passa a dar lugar para a escravidão, e o homem se torna um objeto da técnica e das artes. Em Rousseau (1978), seria a consciência de si o modo pelo qual a razão e a moral encontram a verdadeira ordem natural, reconstituindo assim, a saída do dilema moral em que a ciência e a arte se encontravam em seu tempo.

3 Heidegger e a essência da Técnica

A filosofia contemporânea de Heidegger concentra-se na questão da essência do ser humano e da sua existência, concebendo a técnica do ponto de vista de sua essência, relacionando-a com a essência do ser humano. Para ele, a técnica é um fazer do homem, um meio para um fim, mas não é meramente um meio, é um modo de desabrigar, de revelar a verdade, a ἀλήθεια (aletheia). Em suas palavras, “o desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal” (HEIDEGGER, 1997, p. 57).

Para Heidegger (1997), o desabrigar que domina a técnica possui o caráter de desafio, de pôr o homem frente ao desafio de dominar a natureza. O desafio acontece quando o homem busca desabrigar a natureza e suas energias, isto é, quando busca revelar a verdade originária da natureza, transformando-a conforme as necessidades do progresso vigente na sociedade, e para isso, é preciso explorar, transformar, armazenar e distribuir os recursos naturais. Segundo Heidegger “apenas quando o homem for desafiado a desafiar as energias naturais pode acontecer este desabrigar” (HEIDEGGER, 1997, p. 63).

O desabrigar é uma construção humana, está na essência do homem transformar a natureza. Ao pesquisar e observar, o homem persegue a natureza enquanto uma região de seu representar. Desse modo, ele é tocado por um modo de revelar a verdade que o desafia a ir ao encontro da natureza enquanto um objeto de pesquisa. Segundo Heidegger:

A verdade é que o homem da era da técnica é desafiado de um modo especialmente claro para dentro do desabrigar. Tal fato se refere, primeiramente, à natureza como um depósito caseiro de reservas de energias. Correspondendo a isso, a postura requerente do homem mostra-se, em primeiro lugar, no surgimento da moderna e exata ciência da natureza. Seu modo de representar põe a natureza como um complexo de forças passíveis de cálculo (HEIDEGGER, 1997, p. 69).

De acordo com Heidegger, todo o desabrigar possui um destino, o qual sempre domina o homem, pois este se torna livre quando pertence ao âmbito do destino. Esta liberdade não se



encontra na vontade ou no querer humano. A liberdade está ligada ao desabrigar, isto é, à verdade. Assim, toda a busca e o esforço do homem em desabrigar a natureza surgem do que é livre e a essência da técnica é experimentada como um destino do desabrigar.

A essência da técnica pertence, então, ao destino, que leva o homem a um caminho de desabrigar, de descobrir novas possibilidades de transformar a natureza e desvendar as suas verdades. Concebida assim ela é parte da essência do ser humano em estar disposto a desvelar a verdade, a desabrigar a sua natureza e a natureza que está ao seu redor. Contudo, ao mesmo tempo em que se descobre a natureza, o homem se coloca frente a um perigo: “Ao mesmo tempo, o descobrimento, segundo o qual a natureza se apresenta como um contexto efetivo e calculável de forças, pode retrair o verdadeiro, e isto é um perigo” (HEIDEGGER, 1997, p. 77). Este perigo se anuncia quando o homem não mais se interessa em descobrir a natureza, mas apenas a considera como objeto de sua subsistência, tomando a si mesmo como um objeto de subsistência e se arrogando a figura de dominador da terra. E, se com isso, o homem amplia uma ilusão de que domina a técnica e que tudo o que subsiste ocorre na medida em que é algo feito por ele. Esta aparência mostra que o homem, em todos os lugares, somente encontra a si mesmo, não compreendendo que de modo algum, a partir de sua essência e existência, ele nunca pode ir ao encontro de si mesmo. À medida que o homem passa a ver somente a si mesmo, e passa a ter um sentimento de dominação e de exploração da natureza, o desabrigar desaparece. A relação entre a essência da técnica e o homem deixa de existir, e a técnica deixa de ser vista a partir da sua essência, passando a ser um mero meio do ser humano extrair os recursos naturais que estão ao seu redor e escravizar o seu semelhante. A essência da técnica, neste cenário, é tomada somente como um modo de produzir e ganhar lucros. Segundo Heidegger “a ameaça dos homens não vem primeiramente das máquinas e aparelhos da técnica cujo efeito pode causar a morte. A autêntica ameaça já atacou o homem em sua essência com a perda do verdadeiro sentido da técnica: o desabrigar, desvelar a verdade” (HEIDEGGER, 1997, p. 81).

Como possibilidade de salvar o homem da condição que ele se coloca em vista de um progresso tecnológico lucrativo, Heidegger aponta que é preciso resgatar a autêntica essência da técnica, isto é, o desabrigar a natureza. É isso que permitirá o homem encontrar a mais alta dignidade de sua essência.



4 Meneghetti e a técnica do humanismo integral

Meneghetti (1996) afirma em seus escritos que a racionalidade humana é a técnica pela qual o homem elabora os dados e produz o conhecimento sobre o real. “A racionalidade em si e por si não é inteligência, mas é a técnica, um feixe de regras baseado sobre alguns princípios escolhidos por evidência” (p. 07). Assim, técnica significa capacidade de ação conforme alguns princípios que são integrais à evolução do homem e do contexto. Trata-se, portanto, de uma mediação objetiva e capaz de resultados acretivos com benefícios mútuos.

“*Tecnè*”: do grego, saber fazer bem. “*Sinal*”: qualquer coisa que aparece visivamente, que está formalizado, que oticamente pode cifrar-se, que se delinea, que começa a ter forma externa. A criatividade, portanto, se fundamenta na “*técnica do sinal*”. Não um sinal qualquer ao acaso, mas um sinal que de qualquer modo seja evento do Ser, seja uma aparição, um insinuar-se, um presenciar-se do Ser. Isto é, através da gestualidade, o mover-se do artista – do pequeno homem – num certo momento torna-se verdadeiro, acontece a ecceidade daquilo que é a transcendência, daquilo que é o deus. O deus entra, o deus acontece, exatamente porque o artista, através da perfeição dos sinais, da técnica do sinal, sabe dar o evidente reconhecimento de algo que é superior ao humano, fora da medida humana, numa proporção excepcional. (MENEGHETTI, 1996, p. 10).

A racionalidade humana é a técnica ou a tecnologia pela qual o ser humano faz a mediação perfeita do sinal, quando isso ocorre, ela evidencia tanto o objeto quanto a si mesmo e nisso torna possível que o potencial se transforme em ato, entendido esse tanto do objeto quanto dele, sujeito, por isso, benefício mútuo. A tecnologia humana ou a racionalidade é, então, o modo do homem evidenciar a si mesmo, reconhecer-se e tornar-se criativamente o potencial que é, encontrando seu princípio primeiro, o Ser. Ou seja, é por meio da racionalidade que o homem toca a dimensão metafísica, encontra-se com o princípio formalizante de seu existir, aquilo que o justifica e o funda como ente e que funda também sua racionalidade.

Entendida assim, conforme Meneghetti (2009), a técnica possibilita ao homem exercer de modo eficiente a *res clamat dominum* – a coisa invoca o seu senhor. O homem, a partir de sua racionalidade em identidade com o seu princípio de natureza, ou Em Si ôntico - que justifica o seu existir -, pode encontrar o modo de tornar-se o *dominus*. O *dominus* não quer dizer o prepotente e arrogante, mas encontrar o simples valor na relação proporcional entre ele, o objeto e o contexto. O *dominus* seria então encontrar a solução ótima na essencialidade que, com humildade de busca, encontra o valor intrínseco da relação sujeito, objeto e



contexto. O autor afirma que o *dominus* é “o intrínseco capaz de valor, o ente que conhece a identidade que é objetiva (...). O objeto torna-se importante se tem o seu patrão, mas é um patrão interior, espiritual, é um patrão de ente” (MENEGHETTI, 2009, p. 45). Trata-se da racionalidade humana que ao fazer ciência exerce a técnica mediadora na essencialidade do sujeito e do objeto (MENEGHETTI, 2010).

Isto é possível porque, conforme Meneghetti (2003) “o ser humano já tem um *design*, é o resultado de uma maravilhosa técnica que é *arquitectura semovente*, mas é também o resultado de uma eficiente racionalidade” (grifo do autor) (p. 69). Deste modo, o homem, em sua eficiente racionalidade seria capaz de estabelecer a ética intrínseca em cada relação.

Os problemas tratados anteriormente e levantados por Rousseau e por Heidegger em relação à técnica e à ciência indicam que o ser humano precisa colocar a sua racionalidade em questão. Isso porque, é apenas com a racionalidade exata que este pode mediar valores ao humanismo integral. “A exatidão humana é base e sustento de qualquer exatidão técnica ou científica. Sem o homem exato não há exatidão metodológica, não há conhecimento exato, não há ciência exata; conseqüentemente, o homem é a medida de todas as coisas, quando exato” (VIDOR, 1996, p. 60).

Compreendendo a questão da relação entre homem e tecnologia na sociedade contemporânea, a contribuição de Meneghetti consiste em recolocar o problema sob a ótica do ser humano integral, ou seja, ter a possibilidade do homem exercer a técnica existencial ou a sua racionalidade essencial que busca encontrar resposta à sua tensão metafísica em sua existência, mas ao mesmo tempo esta se tornando a solução de outras problemáticas humanas. É neste sentido que o método ontopsicológico auxilia o ser humano a viver a tecnologia humana. Isto é, desenvolver sua existência de modo que esta seja aplicação da *tecnè* no fundamento epistêmico integralmente no plano existencial do humano. Portanto, uma vez que a ciência for entendida como “(lat.) *scio ens* = sei o ser; saber o ente como age. Saber a ação do ser. Saber a ação como o ser ou a natureza a põe, a gere”² (MENEGHETTI, 2001, p. 216), essa implica então a *tecnè*, entendida como o saber fazer bem e colher o sinal de como o ser age e, portanto, fazer a mediação metafísica do que é o humano em todas as relações e dimensões. Pois conforme esse autor, a ciência deve aproximar-se de algum modo da capacidade de ação que é a natureza, pois ela produz e sustenta as próprias criaturas. Então “a *ciência*’ é *propedêutica da verdade*. Mas a ciência de quem?” (grifo do autor) (ibid., 2003b,

² Tradução livre.



p. 49). Essa questão é respondida pelo autor: a medida de toda e qualquer relação humana é a constante H. Como se pode verificar abaixo:

A constante H se insere como valor de meio, como proposta de meio termo. *É o meio termo universal a todas as proporções dos modos de ser do humano* biológico, psicológico, fisiológico, moral e intelectual. A constante H é o objeto interno que garante e autoriza o discurso científico. (...) Não é suficiente que eu veja a relação entre duas coisas e disto distinga o peso de um objeto e o peso de um outro. Quem estabelece isso sou eu e para determiná-lo me apelo a uma evidência que acontece em mim, e é legível para todos aqueles que existem no meu universo comum. (...) Quando o homem perde o contato com essa unidade de medida, que deriva exclusivamente do modo da sua unidade de ação, não se pode falar de ciência como módulo exato a qualquer processo racional, portanto como discurso comunicativo de quânticos bem correlacionados a relações definidas e em condições de construir o discurso entre duas, dez, infinitas pessoas. (MENEGHETTI, 2004, p. 53-54).

Essa nos parece ser a contribuição deste autor enquanto alternativa à manutenção dos valores intrínsecos do humano na sociedade tecnológica, sem desconsiderar o progresso necessário que a ciência e a tecnologia propiciam, mas salvaguardando a evolução de todas, uma vez que é garantido o critério ético do humano, também denominada pelo autor de constante H ou *humanitas*.

5 Considerações Finais

Tendo em vista as concepções filosóficas sobre a técnica e sua relação com a formação do ser humano, torna-se evidente que esta relação é inevitável e necessária para o crescimento social. Porém, não é o caso de confundir o quanto afirmado com o que hoje chamamos sociedade tecnológica. Esta última parece ser resultado da perda dos valores bases do humanismo e, uma vez perdidos, resulta uma sociedade dominada pela tecnologia, invertendo-se a natural relação sujeito-objeto, onde o objeto é quem determina o modo de existir do sujeito.

Com o surgimento da sociedade de base tecnológica, a formação integral do ser humano vem se corrompendo. Com a evolução das ciências e das artes, a ideia do progresso voltou-se para os lucros financeiros e reconhecimentos perante a sociedade, como já afirmava Rousseau. A essência da técnica como Heidegger defende, desaparece na medida em que o homem explora a natureza e apenas para obter benefícios próprios, fazendo com que a partir de suas escolhas e atitude perca a sua própria essência enquanto ser humano.



É evidente que o progresso traz benefícios e as tecnologias fazem parte desses. Entretanto, em Meneghetti vemos que é preciso recuperar o critério ético do humano para restabelecer ao homem uma racionalidade exata, apta a usar a tecnologia em prol da evolução humana, enquanto consciência individual e coletiva. Nesse sentido tem-se uma tecnologia humanista, uma tecnologia à serviço do homem integral.

Por fim, vemos que o homem pode, por meio de sua ação, gerar ciência, tecnologia e sociedade pautadas no critério humano ou nos valores que lhe são alheios. Contudo, se consideramos os princípios éticos, então é inevitável o apelo que saibamos conduzir a ciência e a tecnologia a partir do critério ético do humano, que nos possibilita aquilo que denominamos de humanismo integral. Eis onde pode nos levar a metodologia ontopsicológica, ao restituir ao homem a sua racionalidade exata e a sua consciência do potencial que cada homem tem dentro de si, como semente de contribuição ao coletivo humano sustentável.

Referências

- HEIDEGGER, M. **A questão da técnica**. Cadernos de Tradução. São Paulo: USP, 1997.
- MENEGHETTI, A. **Direito, consciência e sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2009.
- MENEGHETTI, A. **Dizionario di Ontopsicologia**. Roma: Psicologica Editrice, 2001.
- MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003b.
- MENEGHETTI, A. **Il criterio etico dell'umano**. Roma: Psicologica Editrice, 1998.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.
- MENEGHETTI, A. **O Em Si da Arte e da Criatividade**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 1996.
- MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia e memética**. Roma: Psicologica Editrice, 2002.
- ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Coleção os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- VIDOR, A. **A gênese da alienação psicológica e a ontopsicologia**. Erechim: URI, 1996.